

CONCLUSÃO

OS HOMENS E A GERAÇÃO DE MUDANÇAS*

CYNTHIA COCKBURN**

Resumo

Este artigo reflete sobre as implicações políticas que as mudanças nas tecnologias e nas formas de trabalho introduzem na vida das pessoas, particularmente dos homens. As relações entre o mundo do trabalho e o mundo privado são colocadas em cheque nessas situações de mudança. O artigo se baseia no estudo de caso dos impressores na indústria jornalística inglesa, que através de mudanças tecnológicas e organizacionais passou do emprego exclusivo de homens a ameaça e adaptação incluindo mulheres entre os empregados. As implicações das mudanças de composição de gênero aparecem também relevantes para a prática e política sindical.

Palavras-chave: Homens, Mundo do Trabalho, Mundo Privado, Inovações Tecnológicas, Sindicatos e Política.

* Tradução: Patricia Pinho. Revisão: Elizabeth Bortolaia Silva. Título original: "Men and the making of change". Este artigo foi originalmente publicado como capítulo 8 do livro de Cynthia Cockburn *Brothers. Dominance and Technological Change*, Concord, MA, Pluto Press, 1983 (Reprint 1991), pp. 210-233. *Cadernos Pagu* agradece a permissão dada por Pluto Press para traduzir e publicar este artigo. Recebido para publicação em 10 de agosto de 1997.

** Professora pesquisadora na School of Social Sciences, City University, Londres.

Os homens e a geração de mudanças

MEN AND THE MAKING OF CHANGE

Abstract

This article deals with the political implications of changes in technologies and in patterns of work for people's' lives, particularly those of men. The relationships between the world of work and the private world are revealed in these situations of change. The article is based on a case study of newspaper compositors in England. Organizational and technological innovations changed the industry from employing exclusively men to include the employment of women. This involved a wide process of threats and adaptations. The implications of such changes in the gender composition of the workforce are also relevant for trade union practices and politics.

Nota de Elizabeth Bortolaia Silva

Este artigo de Cynthia Cockburn é editado do último capítulo do seu livro originalmente publicado em 1984, republicado com *Afterword* em 1991.

O livro começou como um estudo do impacto humano sobre a mudança tecnológica. Ele terminou como um estudo do fazer e refazer dos homens. Ele é ainda sobre os usos aos quais os homens colocam o trabalho e a tecnologia na manutenção do seu poder sobre as mulheres.

A pesquisa na qual o estudo se baseia foi feita entre meados de 1979 e final de 1981. O estudo enfoca os compositores – todos homens – em quatro empresas da indústria jornalística em Londres. Até meados da década de 70 este era um grupo de trabalhadores qualificados, bem pagos e com estabilidade em seus empregos. Uma onda de modernização na década de 70, vista pelos sindicatos como uma ofensiva tecnológica, introduziu muitas mudanças nos processos de impressão. O trabalho foi transformado e muitos homens retreinados em fotocomposição. Os homens passaram a achar que o novo trabalho não era mais propriamente de homem. A nova tecnologia desencadeou mudanças nas relações de gênero. As mulheres passaram a entrar no trabalho de tipografia, antes um reduto dos trabalhadores de ofício.

O que podemos aprender com este estudo? O estudo é exemplar do ponto de vista metodológico e um marco nos estudos de gênero, da masculinidade, dentro da sociologia industrial e do trabalho. Durante a década de 80 os trabalhadores aqui estudados foram derrotados pelos proprietários das empresas jornalísticas munidos de novas tecnologias computacionais e apoiados pela legislação anti-sindical do governo Thatcher. Vários outros estudos proliferaram analisando a relação entre qualificação, tecnologia e identidade masculina. Como este estudo de Cockburn, muitos estudos mostram que a

Os homens e a geração de mudanças

masculinidade, assim como a feminilidade, tem muitas variações produzidas por culturas diferentes e diferentes períodos históricos. Todavia, neste contexto de diversidade e mudança, a dominação masculina ainda permanece.

Eu quero sugerir que a nossa aprendizagem principal sobre o trabalho de Cockburn talvez derive das suas perguntas iniciais: “Como as pessoas mudam?” “Como é que mudanças sociais e políticas emergem?”

Eu iniciei esta pesquisa tendo em mente uma questão subjacente ao fenômeno da tecnologia e da especialização. Minha questão era: “Como as pessoas mudam?” Neste artigo, eu quero, primeiramente, explorar alguns dos mecanismos de mudança de acordo com minha leitura sobre a experiência dos compositores, e considerar a inovação tecnológica como catalisadora de mudança. Além disso, no entanto, eu quero sugerir que um futuro que expresse os interesses da classe trabalhadora, aliás, qualquer futuro, de fato deverá depender de uma renúncia ou mudança, por parte dos homens, da posição de poder sobre as mulheres. Explorarei a relação do poder masculino e da ideologia “masculinista” com a opção autoritária e de direita na sociedade e a estratégia alternativa da classe trabalhadora que se torna possível somente com a fusão do Socialismo com o feminismo.

Contradição: o motor da mudança

Como surgem as mudanças sociais e políticas? Frequentemente vemos apenas inércia em torno de nós. Muitas pessoas se sentem derrotadas. Mas muitas outras estão confortavelmente preenchendo uma fenda na hierarquia de classe ou de sexo: a responsabilidade é minimizada; procedimentos e regras são estabelecidos, as expectativas são limitadas. Tudo isso reduz o risco do sofrimento e do desapontamento. Se a superação do capitalismo ou do patriarcalismo significa um momento desastroso de rompimento, não é surpreendente que haja pessoas que se adaptam às coisas do jeito que estão. Os homens, em particular, antes de ganharem os benefícios a longo prazo, têm muito o que perder a curto prazo, em relação às mudanças às quais nos referimos. Diante do mundo que está aí, há muitas atrações para as mulheres também, em um papel de gênero que complementa o papel mais ativo do homem. As mulheres estão encasuladas na sua feminilidade “essencial”. Muitos/as pensam

Os homens e a geração de mudanças

que elas se tornariam pessoas desagradáveis e estridentes, principalmente para os homens, se comesçassem a protestar e competir – e este pensamento é correto.

De certa forma, as circunstâncias materiais representam um impedimento real à mudança. A contradição entre o capitalismo e o patriarcalismo é uma boa pegada, para começar. Segundo disse Rita Liljestrom, por exemplo:

O que será ganho se a simetria for equivalente a impor nos pais os mesmos sentimentos de culpa que as mães têm em relação às crianças? Ou se se deixar as mulheres dividirem com os homens os riscos mentais da louca escalada por salários mais altos e por carreiras?¹

Porém, pelo fato do trabalho tradicional da mulher ser bom e por valer a pena, e porque tem o seu valor subestimado, algumas mulheres gastam energia comemorando este fato, mesmo ao preço de estarem endossando a divisão sexual do trabalho.

Em parte, o problema é que as pessoas ficam ofuscadas pelas suas circunstâncias materiais. Isto está tão bem estabelecido que muitos trabalhadores de escritório olham de cima para baixo para os trabalhadores homens que fazem produção manual, como se estes lhes fossem inferiores socialmente – apesar de estes últimos poderem estar ganhando até o dobro do salário do colarinho branco. A cultura cotidiana de escritório torna a pessoa uma presa fácil para idéias deste tipo. A dona de casa, cujo horizonte termina no *shopping center* local, é impedida de desenvolver qualquer lealdade além daquelas em relação à família

¹ LILJESTROM. Rita. Integration of family policy and labour market policy in Sweden. Citado em LAND, Hilary. *Parity Begins at Home*. Manchester, Equal Opportunities Commission, 1981, p.27.

e de ter alguma aspiração além daquelas de ser uma boa esposa e uma boa mãe. Este é o sentido em que “a vida não é determinada pela consciência, mas a consciência pela vida”.²

Além destas coerções materiais, as ideologias empurram e puxam o indivíduo, dizendo a ela/ele o que é normal e aceitável para ser pensado e sentido e o que é esquisito ou extremo. No entanto, os indivíduos certamente são “mais do que os pontos passivos da interseção de uma pluralidade de discursos”, como argumentou Terry Lovell. É claro que a história não é feita na liberdade soberana, disse-nos ela, mas daí não se pode concluir que a atividade coletiva individual de homens e mulheres nada tenha a ver com isso.³ Como nós compreendemos e nos decidimos?

As respostas dos compositores às minhas perguntas, a exploração esmerada deles sobre sua própria situação e seus sentimentos a respeito dela são o que Gramsci chamou de “senso comum”, ou o que uma tradição mais recente de estudos culturais

² MARX, Karl e ENGELS, Frederick. *The German Ideology*. Lawrence and Wishart, 1970, p.47.

³ LOVELL, Terry. Artigo de resenha. *Capital & Class*, nº 16, 1982, p.139. O problema da autonomia do indivíduo no materialismo histórico marxista tem se tornado um tema chave no trabalho e na ideologia, principalmente depois do ensaio de 1970 de ALTHUSSER, Louis. *Ideology and Ideological state apparatuses*. In: ALTHUSSER, L. *Lenin and Philosophy*. New Left Books, 1971. Na formulação de Althusser, o sujeito humano tem ambigüidade inerente na própria palavra “sujeito”, sendo tanto sujeitado às ideologias que interpelam e comandam, como sendo também um sujeito ativo da história, autor de escolhas e de ações responsáveis. Dentre muitas discussões subseqüentes desta problemática, ver Centre for Contemporary Cultural Studies, *On Ideology*, Hutchinson, 1977; COWARD, Rosalind and ELLIS, John. *Language and Materialism: Developments in Semiology and the Theory of the Subject*. Routledge and Kegan Paul, 1977; e SUMNER, Colin. *Reading Ideologies*, Academic Press, 1979.

chama de “cultura”.⁴ Trata-se de ideologias no sentido restrito da palavra, dos pensamentos e sentimentos que surgem a partir da experiência diária. Sobre esta e contrária a ela, nós conhecemos a existência de ideologias que são organizadas e sustentadas como filosofias e que resistem e se desenvolvem ao longo do tempo, se expressam nos textos escritos, nas instituições, nas políticas públicas. Estas grandes ideologias fornecem visões de mundo autoritárias, apesar de concorrentes.⁵ Elas fazem o trabalho de integrar, dominar e resistir na luta de classes. Elas estão agindo para criar e desafiar também o sistema de sexo/gênero. Apesar de a ideologia feminista surgir de vez em quando para contestá-la, a

⁴ Antonio Gramsci usou o “senso comum” para denominar os significados variados e muitas vezes contraditórios produzidos espontaneamente pelas pessoas comuns. “É essencial destruir o preconceito muito difundido de que a filosofia é uma coisa estranha e difícil..... todos são filósofos, mesmo ao seu próprio modo e inconscientemente” (GRAMSCI, Antonio. *The Study of Philosophy. Selections from the Prison Notebooks*. Lawrence and Wishart, 1971, p.323).

“É importante considerar ‘cultura’ como uma categoria de análise. Como cultura compreende-se o senso comum ou modo de vida de uma determinada classe, grupo ou categoria social, o complexo de ideologias que são adotadas como preferências morais ou princípios de vida..... Os efeitos de um trabalho ideológico específico ou aspecto da hegemonia só podem ser entendidos em relação às atitudes e crenças que já são vividas. As ideologias nunca se dirigem (interpelam) um sujeito ‘nu’.... As ideologias sempre trabalham sobre um terreno: este terreno é a cultura”. (JOHNSON, Richard. *Three Problematics: elements of a theory of working-class culture*. In: CLARKE, John *et alii*. (eds.) *Working Class Culture*. Centre for Contemporary Cultural Studies, Hutchinson, 1979, p.234).

⁵ Colin Sumner distingue entre o que eu chamo de ideologias no sentido ‘pequeno’ da palavra, e no sentido ‘grande’, da seguinte maneira: “A ideologia é um sinal e envolve uma significação do mundo do profissional liberal social em termos de unidades de significados já disponíveis. As ideologias podem se tornar compostas, seriais ou agrupadas em formações ideológicas tais como discurso oral, teoria, lei, teologia e imagens populares” (SUMNER, Colin. *Reading Ideologies*, op.cit., p.52).

ideologia patriarcal, ou simplesmente masculina, ajuda a manter o domínio do homem sobre a mulher como um consenso. A violência física é apenas uma das maneiras pelas quais a mulher é reprimida.

As ideologias “pertencem à mente”; elas não são materiais. “A ideologia pode ser o objeto e o instrumento da (...) prática, mas ela não constitui a prática – é apenas um elemento importante no interior da mesma”.⁶ Todavia, as ideologias são embasadas em condições e práticas materiais e têm efeitos materiais. Um desenho específico de um tipo (caractere), ou a máquina de linotipo, ou o computador podem ser vistos como formas materiais estruturadas nas ideologias, tornando as ideologias ativas. “A ideologia é, portanto, tão mental quanto concreta, tanto criação quanto criadora da prática e da produção social”.⁷ O marxismo no passado tendeu a conceber as condições materiais nas quais a ideologia se baseia como condições **econômicas**: a “base” como oposição à “superestrutura” das políticas e das idéias. Uma perspectiva de análise sobre o sistema de poder do homem não deixa nenhuma dúvida de que as ideologias de sexo/gênero também são fundadas materialmente, nas condições econômicas e físicas e na organização social. É exatamente a interação entre as circunstâncias materiais e as forças ideológicas que torna qualquer sistema tão poderoso e duradouro. Nossa imaginação é acorrentada, como nossas vidas são acorrentadas. O resultado é quase sempre um impasse. Segundo Friedman, os trabalhadores “devem agir como se o capitalismo fosse permanente pela maior parte do tempo”.⁸ E as mulheres certamente são obrigadas a agirem como se o patriarcalismo o fosse.

⁶ Id., ib., p.29.

⁷ Id., ib., p.22.

⁸ FRIEDMAN, Andrew. *Industry and Labour*. Macmillan, 1977, p.54.

Os homens e a geração de mudanças

No entanto, as ideologias podem convidar e comandar, mas elas não são todo-poderosas. Os sujeitos aos quais elas se dirigem podem ter suas próprias idéias, por mais experimentais que sejam. Suas experiências e suas decisões exercem um papel nos resultados.

Negar o momento da auto-criação, da afirmação da crença ou da doação do consenso (...) nos faria retornar à “pura mecanicidade” (...). Isto é o que faz a distinção entre a força das relações sociais ideológicas e as relações de coerção política ou de necessidade econômica.⁹

As pessoas trabalhadoras irrompem em organização e resistência; as mulheres protestam e replicam. Os indivíduos mudam de idéia e começam a trilhar caminhos diferentes. A linha determinista do pensamento marxista sugere que as circunstâncias materiais acorrentam nosso livre arbítrio. Mas a circunstância material, incluindo a pressão material das ideologias externas, não poderá nunca nos governar permanente ou inteiramente, porque ela é rachada com contradições e por isso nos empurra e nos puxa em direções contraditórias, tornando a escolha uma possibilidade, até mesmo uma necessidade. **O que pode realmente ser tomado como determinante dos limites do livre arbítrio individual não é a circunstância material em si, mas a presença ou ausência, a seriedade ou a insignificância da contradição.**

As três contradições explosivas na situação dos compositores são aquelas fundamentais do capitalismo, do patriarcalismo e das relações entre os dois sistemas. A incapacidade do capital em escapar da lei do valor produz

⁹ JOHNSON, Richard. Three Problematics: elements of a theory of working-class culture. Op.cit., p.234.

extremos de riqueza e pobreza, destrói os direitos humanos e nos deslumbra com um fascinante desabrochar de forças produtivas, ao mesmo tempo em que nos nega a capacidade de aproveitá-las. O patriarcalismo oferece aos homens as vantagens do poder e, ao fazer isso, despoja-os (e às mulheres) das relações calorosas e criativas que a sexualidade promete continuamente. Enquanto contradições como estas possam ser contidas, nenhuma mudança ocorrerá. Quando se tornarem explosivas, as escolhas individuais irão se somar à mudança social.

Durante toda esta história, tenho dado uma ênfase especial à contradição. Em qualquer parte onde as pessoas tenham percebido tensão entre diferentes interpretações dos eventos, ou tenham ficado indecisas sobre o que fazer disso tudo, tenho permitido que esta tensão tenha expressão plena. O que temos visto é a contradição entre práticas e significados (o que uma pessoa faz ou experimenta desmente o que ela diz a respeito); entre significados alternativos (interpretações conflitantes dos eventos e práticas); e entre práticas alternativas (fazer coisas incompatíveis).¹⁰

¹⁰ Eu penso que a elaboração de Colin Sumner sobre as “práticas sociais” e suas relações com a “ideologia” é bastante útil. “As ideologias são fatores importantes da prática social porque: 1) elas definem o objetivo e a prática; 2) elas definem as razões do ator por se engajar na prática e seu modo de engajamento (e desengajamento); 3) elas fazem parte do contexto social da prática; 4) elas afetam a forma do produto; 5) elas são geradas no interior da prática e 6) elas são personificadas (de forma passada) nas condições materiais (o material cru, as ferramentas, a geografia, etc.)” Tudo isso faz sentido se aplicado à vida e às atividades do compositor (sua prática) e aos significados que ele tira disso (sua ideologia). É interessante que Sumner realmente se refira à produção de jornais: “Algumas práticas irão envolver as ideologias de forma mais central do que outras: compare o ato de empilhar tijolos com a produção de jornais (...) Visivelmente, onde a própria ideologia é a ferramenta e a matéria prima da prática, ela tem uma importância excepcional em relação aos outros elementos. Portanto, o papel da ideologia em algumas práticas é mais complexo do que em outras.” Na avaliação de Sumner sobre a relação entre a

Vamos olhar na direção de algumas contradições que provocaram os compositores através da mudança na indústria do jornal e os modos que eles têm encontrado para resolvê-las. (Estes exemplos são combinações extraídas de vários casos de vida real).

Primeiramente, a questão perturbadora das relações de poder entre os homens. O compositor se exultou com a posse da habilidade e isto o fez pensar em si mesmo como sendo melhor do que o homem comum. De fato, ele encontrou vantagens psicológicas ao considerar os *Natties*¹¹ como essencialmente inferiores, porque isto justificou que ele e seu sindicato se organizassem para mantê-los excluídos. Agora o empregador introduz a fotocomposição. O compositor se encontra fazendo um trabalho que é percebido como menos qualificado. De fato, durante a disputa industrial que levou à introdução da fotocomposição, este compositor realizou um trabalho temporário como leiteiro: ele se sentiu degradado. Seu conjunto de idéias, que o fazia se sentir diferente e melhor do que os homens não qualificados, torna-se assim inconsistente e discrepante. **Ele despreza pessoas que são como ele mesmo.** Isto é desagradável. Ele medita sobre isso por um tempo. Ele pode evadir-se com frequência desta questão com uma certa amargura e cinismo, ou ele pode começar a lidar com o desconforto. Ele pode organizar um novo significado a respeito do trabalho, que combine com as suas velhas idéias: talvez associar o computador a algo que lhe dê *status*. Ou ele pode mudar de idéia a respeito da diferença essencial entre homens qualificados e não qualificados, permitindo que um novo pensamento venha à tona: “Em verdade, somos todos irmãos”.

ideologia e a prática social, o significado da contradição é omitido. SUMNER, Colin. Op.cit., p.211.

¹¹ *Nattie* é uma denominação pejorativa dada pelos compositores aos trabalhadores menos qualificados, associados a outros sindicatos. (Nota de Elizabeth Bortolaia Silva)

Um segundo exemplo: a questão da mulher e do trabalho. Vamos supor que um compositor emerge do seu aprendizado enquanto homem jovem com idéias bem resolvidas sobre o lugar da mulher na indústria de impressão: as mulheres realizam o trabalho menos remunerado. Os homens teriam um direito natural, por causa das “responsabilidades familiares” (bem como porque os homens são as pessoas mais importantes na sociedade) aos empregos que trazem segurança e altas gratificações. A composição é uma ocupação deste tipo. Então o compositor se casa. Ele ama e admira sua esposa e deseja o melhor que a vida puder lhe oferecer. Ela é instruída e obtém sua realização e identidade no trabalho. Ele se orgulha dela. Ela é tão inteligente e merecedora quanto ele. Ele não pode evitar o fato de querer apoiá-la na luta por igualdade de status e de pagamento. Ele se zanga com os outros homens que querem trapaceá-la no seu direito. Mas, no trabalho, ele e seu sindicato estão enfrentando problemas devido às mulheres que estão buscando acesso aos empregos de ofício e à igualdade de pagamento. Ele acredita que seja do interesse de todos que se ofereça resistência a isso, principalmente em tempos de recessão, quando os empregos dos homens estão ameaçados. **Agora, ele está zangado com gente como ele mesmo.** Suportar estas idéias e estes sentimentos conflitantes faz com que ele se sinta desonesto. Há várias maneiras de ele agir para aliviar o desconforto. Ele pode ser poupado da força pelo fato de sua esposa ter filhos, ficar em casa e assumir uma personalidade doméstica, abandonando a reivindicação por igualdade de *status* no trabalho. Ou então ele pode trazer suas idéias de casa para o trabalho – e ajudar a mudar a política do sindicato em relação às mulheres. Talvez, ainda, ele possa aderir de forma provocativa aos dois lados e manter a ansiedade – e são tensões como estas que produzem neuroses, doenças e violência.

Por fim, vamos pensar a respeito das confusões, que são comuns não apenas aos compositores, sobre a revolução eletrônica e as idéias do progresso tecnológico. O compositor

trabalhou durante anos em uma ocupação estática de ofício. A mudança tecnológica já estava acontecendo de forma iminente, mas ainda não ameaçava sua personalidade. Suas idéias estavam sendo influenciadas pelos jornais e pela TV: o desenvolvimento da ciência e da tecnologia representava o caminho seguro do progresso humano. Agora o computador invade seu trabalho, prometendo uma produtividade enormemente ampliada. A princípio, ele adapta sua ideologia do progresso ao problema: tudo dará certo porque nós produziremos e venderemos mais cópias de jornais ainda maiores, contendo mais publicidade. Ganharemos empregos, não os perderemos. Mas a recessão intervém. Quando o preço sobreviver, a empresa não terá mais nenhuma lealdade para com os trabalhadores de ofício: seguirão as demissões e o desemprego. **Ele é agora a vítima de pessoas que pensam como ele.** O que irá fazer? Ele pode aderir à crença no progresso, estreitar suas lealdades, lutar para ser um dos privilegiados que conseguem bons empregos. Ele pode adotar um distanciamento cético e agnóstico. Ou ele poderá realizar seus medos em relação ao futuro, criticando a tecnologia e os seus usos, e começar a pensar sobre a questão do controle e reavaliar a “qualificação”.

Estas escolhas individuais têm importância quando multiplicadas milhares de vezes. Elas mudam as instituições e constroem a história. É claro que elas são feitas sob a pressão das circunstâncias materiais. A presença ou a ausência de uma ideologia espoliante, ou de uma organização pressionando de alguma maneira, também exerce um papel na escolha. O movimento dos trabalhadores, o movimento anti-guerra, o *National Front* e o movimento das mulheres aumentam o sentido da contradição, oferecem alternativas e ampliam a escolha individual. Mas, de maneira menos pública, o futuro está se formando de um outro material: as ilogicidades, as inconsistências e circularidades da vida individual e como elas são compreendidas pelos indivíduos. O ser humano tem uma grande necessidade de ser racional e conseqüente, porém nem sempre consegue. Mas é

na luta para se criarem significados satisfatórios das coisas e para alinhar o comportamento às crenças que ocorrem as mudanças nos indivíduos, se é que estas mudanças ocorrem. E as mudanças nos indivíduos se adicionam às mudanças nos sindicatos, nos partidos políticos e na sociedade.

A inovação tecnológica enquanto catalisadora

Há momentos na história em que a ruptura abre caminhos para mudanças dramáticas no prospecto e na orientação política. A inovação tecnológica que hoje está transformando muitas indústrias poderia precipitar eventos nesta escala. A composição computadorizada se abateu sobre o ofício do compositor como um terrível desastre, abalando as relações de classe e de gênero que vêm se desenvolvendo ao longo de centenas de anos, jogando-as em um turbilhão de confusão. E eles não estão sozinhos: em toda a sociedade, os padrões de trabalho e consumo estão sendo afetados.

A nova tecnologia é uma força que atua de fora sobre as relações sociais estabelecidas. Mas, como temos visto, no interior deste conjunto de relações existem muitas tensões. O efeito que a nova tecnologia terá dependerá não apenas, ou pelo menos não principalmente, da força do seu impacto sobre o padrão das tensões no interior da estrutura social. Portanto, trata-se de uma questão em aberto saber se a inovação tecnológica irá sacudir os trabalhadores de ofício de impressão e outros trabalhadores homens qualificados, para uma consciência crítica, ou se o capital irá conseguir reuni-los sob a aceitação permanente dos padrões que governam a sociedade capitalista.

Trata-se de um momento de perigo para os interesses da classe trabalhadora: demissões, desemprego, as mãos dos sindicatos atadas pelas novas leis. O número de sindicalizados na Grã-Bretanha caiu de 13,5 milhões em 1979 para 11,5 milhões

em 1981.¹² Muitos homens, e não apenas os mais velhos, ameaçados pelas demissões decorrentes da nova tecnologia, têm se sentido felizes em aceitar o que parece ser uma compensação generosa pela demissão voluntária, a fim de viver bem por um tempo e confiando nas provisões do futuro.¹³ Afinal de contas, o emprego geralmente é tedioso, cansativo e pouco saudável. O “ócio” é atraente, mesmo que signifique devolver um emprego ao empregador para sempre. A consciência e a militância agitadas pelo momento de inovação tecnológica não necessariamente sobreviverão numa ocupação modernizada, nem sequer entre aqueles que continuam no trabalho. Eles podem muito bem se acomodar de novo para serem as mãos de confiança nos controles da nova tecnologia.¹⁴

Afinal, há muitas coisas que empurram o empregado à identificação de lealdade com a empresa ou com a “indústria britânica”. Não se trata apenas de “falsa consciência” da parte do/a trabalhador/a que não consegue ver que seu verdadeiro interesse

¹² Trades Union Congress e *Annual Abstract of Statistics - 1982*, HMSO, 1982, tabela 6.27.

¹³ Isto certamente depende do sistema de benefícios providos pelo estado de bem estar social inglês. (Nota de Elisabeth B. Silva.)

¹⁴ Os trabalhadores qualificados têm se reunido desta maneira em momentos de rebeldia ainda maior do que este. James Hinton recontou a história “do movimento dos primeiros delegados sindicais”, no período durante e seguinte à Primeira Guerra Mundial, quando engenheiros especializados espalharam sua resistência contra a diluição de seu sindicato pelas mulheres e pelos homens menos qualificados e se comprometeram com organizações de todos os tipos nos chãos de fábrica. Por um certo tempo, eles foram os trabalhadores mais militantes da Grã-Bretanha, à beira de liderarem uma greve geral contra os planos de guerra. No entanto, o movimento foi combatido e, em 1924, havia surgido “uma nova e duradoura acomodação do trabalho organizado”, com a maioria dos engenheiros voltando ao separatismo em relação aos trabalhadores de ofício, no interior do sistema capitalista de trabalho (HINTON, James. *The First Shop Stewards' Movement*. Allen & Unwin, 1973).

está na resistência. Trata-se de uma verdadeira contradição para o/a trabalhador/a:

Uma vez que o trabalho só pode ganhar acesso aos meios de produção através da venda de força de trabalho ao capital, ele tem interesse na manutenção desta relação e, portanto, na viabilidade da unidade do capital que o/a emprega. Assim, o trabalho também terá interesse direto em desenvolver as forças de produção no interior da fábrica, mas, novamente, de maneira contraditória, já que não desejará que tal desenvolvimento seja utilizado exclusivamente em benefício da valorização, mas também para aumentar os salários ou produzir empregos mais agradáveis.¹⁵

É claro que a empresa joga positivamente com este fato ao dizer “nós precisamos de nova tecnologia a fim de podermos sobreviver”. As empresas de jornais estavam dizendo aos homens: “não é uma escolha **nossa**”. São as pressões do mercado, é o que os publicitários mandam, o que os leitores querem. Desta maneira, o empregador foge da responsabilidade e os empregados se confrontam diretamente com o cliente e o mercado. Os homens são persuadidos a se identificarem com aquilo que é inevitável, com o senso comum do progresso tecnológico. Os trabalhadores de ofício individuais correm o risco da perda de posse e a classe trabalhadora se arrisca a uma cooptação renovada.

No entanto, uma crise da inovação tecnológica representa um risco também para o capital. Quando as pessoas começam a questionar a posição de sua classe, há o perigo de que elas

¹⁵ CRESSEY, Peter e MACINNES, John. Voting for Ford: industrial democracy and the control of labour. *Capital & Class*, nº 11, 1980, p.15.

Os homens e a geração de mudanças

rejeitem a sua adaptação cotidiana ao capital. Segundo Ernest Mandel, o capitalismo tardio poderia ser:

Uma grande escola para o proletariado, ensinando-o a se considerar a si mesmo não apenas a partir da divisão imediata do novo valor criado entre salários e lucros, mas a partir de todas as questões da economia política e do desenvolvimento e, principalmente, com todas as questões envolvidas na organização do trabalho, do processo de produção e do exercício do poder político.¹⁶

À medida que a desqualificação e a reestruturação ocorrem aceleradamente, este argumento defende que o/a trabalhador/a poderá acordar para a sua situação, organizar-se e rebelar-se.¹⁷

É claro que o capitalista é pego na sua própria contradição referente ao trabalho: para desenvolver as forças de produção, o capital não pode simplesmente desqualificar os trabalhadores nos quais não confia. Ele precisa também reequipar alguns trabalhadores com novas habilidades. O capital não pode nos reduzir a todos à idiotia dos robôs, porque alguém terá que desenhar e manter os processos idiotas de trabalho. O capital precisa de alguma força de trabalho que seja inteligente, habilidosa e imaginativa, se quiser que a inovação e a acumulação continuem. Será que a força de trabalho reestruturada e de novo estilo, que está construindo seu conhecimento da maquinaria e do

¹⁶ MANDEL, Ernest. *Late Capitalism*. Verso, 1972, p.183.

¹⁷ “O capital se depara com uma contradição fundamental conseqüente do fato que, passo a passo com a desqualificação do trabalho, há uma qualificação social crescente dos trabalhadores – uma desqualificação social (ou desvalorização) de todo o trabalho como uma força produtiva”. (GORZ, André. *The tyranny of the factory: today and tomorrow*. In: GORZ, A. (ed.) *The Division of Labour*. Brighton, Harvester Press, 1978, p.57.

processo de trabalho, pode ser considerada de confiança para ser mantida fiel ao capitalismo? Alguns pensam que a tecnologia avançada carrega em seu interior as sementes da revolução. Serge Mallet, por exemplo, sugeriu que as indústrias arcaicas, como as minas de carvão, as construtoras e as indústrias têxteis – e talvez pudéssemos incluir, dentre estas, a imprensa sem letra – não podem mais desenvolver uma ideologia e um comportamento revolucionários entre os trabalhadores. Sua luta irá “necessariamente reconhecer os aspectos reacionários, corporativistas e malthusianos, como fizeram os tecelões ingleses de 1840 (...) Já não pode mais formular os temas de vanguarda do movimento”.¹⁸ No entanto, em contraste a isso, a classe trabalhadora reestruturada das indústrias modernizadas – incluindo os trabalhadores de jornal e de mídia – será aquela que irá desenvolver uma estrutura mental crítica:

São apenas os grupos sociais no interior da população ativa integrada nos processos mais avançados da civilização técnica que estão numa posição para formular as formas múltiplas da alienação e imaginar formas superiores de desenvolvimento.¹⁹

Logo, a competição desastrosa entre a habilidade e a tecnologia pode precipitar mudanças na perspectiva política. Contudo, isto não é suficiente para apontar o momento e o mecanismo da mudança. Nós precisamos examinar quais são as possibilidades substantivas: qual é a melhor, qual é a pior, o que pode acontecer? Não acho que seja alarmista sugerir que a pior de todas é um mundo totalitário, desumano e regido pela guerra.

¹⁸ MALLET, Serge. *The New Working Class*. Nottingham, Spokesman, 1975, p.14.

¹⁹ Id., ib., p.12.

A família, o sexismo e a opção da direita

Eu tenho argumentado que uma análise de sexo/gênero, subordinada a uma análise de classe, nos ajuda a entender o passado e o presente. Falta ainda sugerir que tal análise tem também algo a dizer sobre o futuro: **só conseguiremos evitar um futuro fascista e adquirir um futuro humanizado se a masculinidade deixar de ser um fator determinante da organização, ação e imaginação da classe trabalhadora.**

Os impressores de Londres não são estranhos às organizações da extrema direita. Em todo o período em que existiram antifascistas e anti-racistas comprometidos, em Fleet Street²⁰ e fora dela, sempre houve também trabalhadores de ofício com filiação dupla, isto é, membros ao mesmo tempo de sindicatos e de partidos de extrema direita. É claro que esta anomalia é sempre possível em uma “oficina fechada”²¹ porque um homem pode ter um cartão do sindicato simplesmente com o objetivo de conseguir acesso à ocupação e para defender os interesses do seu setor, sem precisar ter necessariamente nenhum comprometimento com os princípios ou a filosofia do movimento trabalhista.

É no seio da pequena burguesia, e não na classe trabalhadora, que o fascismo geralmente é sustentado e onde encontra seu terreno mais fértil. No entanto, quando homens trabalhadores de ofício são convertidos para as ocupações de

²⁰ Fleet Street é o local em Londres onde se concentrava a indústria jornalística nacional inglesa até meados da década de 80. (nota: EBS)

²¹ *Closed shop* significa que todos os trabalhadores são automaticamente reconhecidos como associados ao sindicato, e que o sindicato controla o acesso ao emprego para a “categoria” correspondente. Para uma análise compreensiva do sistema sindical e de relações industriais na Inglaterra ver: SILVA, Elizabeth Bortolaia. *Refazendo a Fábrica Fordista. Contrastes da Indústria Automobilista no Brasil e Grã-Bretanha*, São Paulo, Hucitec/Fapesp, 1991. (Nota de Elisabeth B. Silva.)

colarinho branco, como está acontecendo com os compositores atualmente, sua identidade de classe torna-se menos evidente e isso exige algum tipo de solução. Wilhelm Reich sugeriu, há muito tempo atrás, que

a degradação do trabalho manual (que é um elemento básico da inclinação para se imitar os reacionários trabalhadores de colarinho branco), constitui a base psicológica em cima da qual o fascismo se apóia assim que começa a se infiltrar na classe trabalhadora. O fascismo promete a abolição das classes.²²

O fascismo promete principalmente abolir o *status* de **proletariado** e isto pode ser atraente para os ambiciosos ou confusos trabalhadores de colarinho branco que desejam transformar as perdas da desqualificação em algum tipo de ganho social. O autoritarismo fascista pode aparecer como um consolo para homens cujo *status* na hierarquia das qualificações não pode mais lhe conferir identidade e segurança. O mecanismo ideológico através do qual o homem sem qualificação é visto como um ser naturalmente inferior é, como vimos, parecido com o mecanismo do racismo, e a exclusividade do ofício faz eco com exclusividade do nacionalismo.

Os estudos marxistas sobre o fascismo normalmente admitem que o fator determinante na orientação política de um grupo social, aquilo que determina se o grupo é mais propenso a aderir à direita ou à esquerda, é a consciência de classe. Porém, há outro determinante que muitas vezes é omitido: a identidade de sexo/gênero.²³ Os homens, por serem os que dão primazia à forma

²² REICH, Wilhelm. *The Mass Psychology of Fascism*. Penguin, 1980, p.104.

²³ As afinidades ideológicas entre o patriarcalismo e o facismo geralmente são negligenciadas nas análises marxistas sobre o facismo. Por exemplo, Nicos

Os homens e a geração de mudanças

das relações sexuais e domésticas da família patriarcal, onde há o marido dominante e a esposa subordinada, e por serem os que se beneficiam da forte divisão do trabalho doméstico, e por darem prioridade aos seus próprios salários e ao seu próprio direito a um trabalho superior, estarão sempre ao alcance do fascismo. Como Reich apontou, a vida familiar e a sexualidade, fatores ignorados pela teoria marxista, estão à altura dos fatores econômicos no estabelecimento do sistema social:

Nós precisamos prestar uma atenção muito maior a estes detalhes da vida cotidiana. É em torno destes detalhes que o progresso social ou o seu contrário assume formas concretas e não em torno de *slogans* políticos que incitam apenas um entusiasmo temporário.²⁴

A “família” é algo central para a ideologia e a retórica de direita. Adolf Hitler chamou a fundação das famílias de “a nobre missão dos sexos (...) a origem das dádivas naturais e específicas da Providência”. Em *Mein Kampf*, ele escreveu: a família “é o objetivo final da evolução genuinamente orgânica e lógica (...) É a menor unidade, mas também a estrutura mais importante do Estado”. Já foi apontado que o regime nazista tinha uma atitude mais claramente definida e mais auto-consciente em relação à mulher do que provavelmente qualquer outro governo moderno. Foi um regime reconhecidamente anti-liberal e protecionista em seus objetivos, enfatizando a maternidade e o lar como partes de

Poulantzas, em seu maior trabalho sobre o fascismo, refere-se apenas de passagem à família (*Fascism and Dictatorship*. New Left Books, 1974). O tema é ausente na análise de LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory*. New Left Books, 1977. É uma dimensão ausente também em VAJDA, Mihaly. *Fascism as a Mass Movement*. Allison and Busby, 1976.

²⁴ REICH, Wilhelm. Op.cit., p.103.

seu propósito paternalista e eugênico.²⁵ É prudente refletir sobre este entusiasmo pela família, sobre a ética da “boa dona de casa”, sobre as administrações atuais de Thatcher e Reagan. As “políticas da família” têm sempre acontecido subordinadas ao conservantismo de classe, inclusive no interior do Partido Trabalhista, como pôde ser visto no fabianismo dos Webbs²⁶ ou no “estado do bem estar social” do pós-guerra.

O essencialismo e o ideal de complementaridade encontram expressão plena no pensamento fascista. Benito Mussolini indicou as mulheres da nação como sendo “mães prolíficas e ilustres” e ele mesmo como sendo o arquétipo da cabeça patriarcal do lar, o pai, o trabalhador robusto, com seu “vigor masculino” e seu militarismo. “No fascismo, a diferença sexual é imposta a um nível absurdo”, escreveu Maria Antonietta Macciocchi:

A luta dos sexos é negada, como a luta das classes, já que o fascismo toma como ponto de partida a subordinação de um sexo ao outro, à medida em que a mulher aceita voluntariamente os “atributos reais” da feminilidade e da maternidade. Do mesmo modo que na corporação fascista o proletariado é forçado a uma relação de acordos e de paz social com o chefe, as mulheres são envolvidas no contrato social estabelecido entre elas e a sociedade. A posse das mulheres é a mesma para todos os homens, para quem, precisamente porque eles possuem este bem móvel, mulher, que não pode ser expropriado, são

²⁵ MASON, Tim. Women in Germany, 1925-40: family, welfare and work. *History Workshop Journal*, nº 1, 1976, p.86.

²⁶ Referência a Beatrice e Sidney Webb, expoentes exemplares do fabianismo em fins do século 19 e início do século 20. (Nota de Elisabeth B. Silva.)

Os homens e a geração de mudanças

considerados, chefes e trabalhadores, iguais uns aos outros e tendo os mesmos direitos.²⁷

As séries de decretos e medidas que tiveram como objetivo resolver a crise econômica italiana de 1929 efetivamente fez com que as mulheres pagassem a dívida. Muitas mulheres foram demitidas do emprego, principalmente das áreas de teologia, direito e medicina, bem como do ensino. As mulheres estudantes foram dissuadidas de cursar níveis mais elevados de educação porque delas eram cobradas matrículas com preço dobrado. Decretou-se que as mulheres não poderiam exceder 10 por cento da força de trabalho, tanto das instituições do estado quanto das particulares. Na Grã-Bretanha de hoje, também, o governo conservador está combinando medidas anti-classe trabalhista com medidas anti-mulheres, deixando claro que se espera das mulheres que elas abandonem o trabalho remunerado em função dos interesses dos homens e da nação, a fim de tirar do estado muitas das responsabilidades no referente aos cuidados com os mais jovens e os mais velhos, e que a mulheres retornem ao seu lugar apropriado: o lar.

A mesma associação dos homens e do distanciamento das mulheres em relação à tecnologia, que vimos ocorrer na história da impressão e nas idéias atuais dos compositores, está presente também no pensamento fascista. Em um artigo intitulado “Máquina e Mulher”, Mussolini afirmou que as mulheres e as máquinas eram incompatíveis. Ele disse que qualquer relação deste tipo degradaria a virilidade masculina, roubaria o homem do

²⁷ MACCIOCCHI, Maria Antonietta. Female sexuality in fascist ideology. *Feminist Review*, nº 1, 1979, p.77.

seu trabalho, impediria nascimentos e tornaria másculas as mulheres.²⁸

Portanto, a ideologia direitista primeiramente constrói o essencialismo do sexo e a dualidade entre o masculino e o feminino – ampliando-os a ponto de caricaturá-los. Em seguida, desvaloriza o feminino. Hitler, por exemplo, caracterizou o atraso da classe trabalhadora como tipicamente **feminino**: “As pessoas, em sua imensa maioria, são tão femininas por natureza e atitude, que a razão sóbria determina os seus pensamentos e ações muito menos do que a emoção e o sentimento determinam.”²⁹ O fascismo reprime a sexualidade de uma maneira geral: “O corpo do discurso fascista é rigorosamente casto, puro e virginal. Seu objetivo central é a morte da sexualidade.”³⁰ Mas, especificamente, envolve a supressão da sexualidade da mulher, que é incompatível com seu papel social e econômico. Segundo escreveu Reich:

Mais do que a dependência econômica da esposa e dos filhos em relação ao marido, é necessário preservar a instituição da família autoritária. Para as classes oprimidas, esta dependência só é duradoura diante da condição de que a consciência de ser um ser sexual seja abafada o mais completamente possível nas mulheres e nas crianças. (...) Mulheres despertadas para a sexualidade, consideradas e reconhecidas como tal, significam o colapso completo da ideologia autoritária.³¹

²⁸ Artigo em *Il Popolo d'Italia*, 1934, citado em MACCIOCCHI, M. A. Op.cit., p.72.

²⁹ *Mein Kampf*. Citado em REICH, Wilhelm. Op.cit., p.183.

³⁰ MACCIOCCHI, Maria Antonietta. Op.cit., p.75.

³¹ REICH, Wilhelm. Op.cit., p.138.

Os homens e a geração de mudanças

Para que as mulheres escapem da personalidade dividida, ainda imposta pelos homens sobre elas, e para que denunciem a falsidade do mito do “anjo em casa” e da “prostituta na rua”, avançar equipada da sua própria definição sobre a sua própria sexualidade é um pre-requisito do progresso em qualquer frente de batalha. Da mesma maneira, as reivindicações pelo direito ao aborto seguro, à contracepção, ao reconhecimento aos direitos iguais aos homossexuais, aos recursos sociais de cuidados com crianças, ao acesso das mulheres ao trabalho, principalmente ao trabalho tecnológico, são, todas demandas políticas fundamentais da esquerda. Elas não são coisas suplementares, ou interesses exclusivos das mulheres, ou das “minorias”. A inclusão destas reivindicações no programa dos sindicatos e sua presença nos objetivos individuais de homens e mulheres é uma garantia crucial contra uma possível tendência à direita. Os homens caem em contradição entre seu *status* enquanto classe trabalhadora e seu *status* enquanto sexo masculino. Se isto se decidir em favor do poder sexual, como aconteceu tantas vezes no passado, as portas permanecerão abertas tanto para as tiranias de classe quanto para as de gênero.

A opção alternativa

Os direitos e os poderes dos homens qualificados da classe trabalhadora nas velhas indústrias, como os compositores, estão sendo desafiados em três frentes de batalha: pelos empregadores, que se despojam dos constrangimentos do controle do ofício; pelo estado, através de uma legislação anti-trabalhista (e, também, de maneira breve, no início da década de 70, por uma legislação pró-mulheres); e pelas próprias mulheres, na busca pela sua própria libertação. Os homens provavelmente reagem através de uma destas duas maneiras: batendo de volta, restabelecendo a primazia sexual com qualquer meio que encontrem; ou aceitando o desmantelamento das hierarquias do poder masculino, em favor

de um modo de vida e de organização mais igualitário. Na seção anterior, esbocei algumas das implicações negativas da primeira escolha. De forma diferente, a última abre muitas possibilidades revigorantes para o sindicalismo e, mais do que isso, para os movimentos sociais da classe trabalhadora. Isto não é fantasia. Nós somos impelidos/as à mudança a partir das contradições mais intensas do capitalismo e da tecnologia avançada. Se quisermos tirar proveito do abalo que o capital nos impôs e transformá-lo em vantagem, a possibilidade está aí.

Um único sindicato para todos aqueles que trabalham na imprensa e na indústria de impressão, no rádio e na televisão parece agora provável que surja nos próximos anos, cutucado pela existência da tecnologia avançada e, na verdade, atributo da mesma. Tal sindicato, com tamanha amplitude, teria mais do que meio milhão de membros: tanto homens quanto mulheres, trabalhadores “mentais” e manuais, técnicos e trabalhadores de escritório, trabalhadores especializados, semi-especializados e não especializados. Enquanto membro do Sindicato Nacional dos Jornalistas, hoje eu seria membro deste grande sindicato também: desta maneira, os homens da impressão seriam meus “irmãos” e aquilo que tem sido até aqui uma análise separada do passado e do presente torna-se uma responsabilidade compartilhada para o futuro. Vamos supor que o *Media Union* (Sindicato dos Trabalhadores da Mídia) se torne realidade em breve. Quais seriam suas estratégias? Como iria se diferenciar de qualquer de suas partes constitutivas atuais?

Primeiro, tal sindicato iria personificar uma **consciência de classe muito mais ampla**, um novo conceito do que significa a classe trabalhadora e a definição dos objetivos genuínos da classe trabalhadora. Como mostraram Andrew Friend e Andrew Metcalf, será realmente perverso se os sindicatos continuarem a institucionalizar e até mesmo a estimar as distinções entre os trabalhadores especializados e os não-especializados, entre os trabalhadores manuais e intelectuais, entre os homens e as

mulheres, no exato momento em que a evolução do modo de produção capitalista está colocando uma base objetiva para a superação destas divisões.³² Um sindicato único para os trabalhadores da mídia (ou para qualquer outra indústria) não será muito melhor do que numerosos sindicatos rivais se o sectarismo e a hierarquia forem simplesmente deslocados de fora para dentro, de modo que continuem a existir – de maneira real ou em pensamento – os setores bem remunerados de ofício e os setores mal remunerados “das mulheres”.

A consciência de classe ampliada imporá muitas mudanças na organização, nas reivindicações e nas iniciativas dos sindicatos. Representaria um compromisso em acabar tanto com a segregação sexual no trabalho, quanto com a divisão sexual do trabalho na sociedade. Alguns passos já foram tomados neste sentido, sob a forma de políticas do Trades Union Congress³³ e de alguns sindicatos. Mas o compromisso ainda é mais retórico do que real. O *Media Union* poderia, por exemplo, fazer *equality officers* (oficiais para a igualdade) em escritórios e filiais, como estão agora no National Union of Journalists. Poderia estabelecer um *Equality Council* (Conselho de Igualdade), Congressos de Mulheres e um sindicato da educação das mulheres. Isto encorajaria as mulheres a se candidatarem a treinamentos e empregos normalmente considerados como sendo de homens. De forma recíproca, encorajaria os homens a realizarem “trabalhos de mulher” e a buscarem a elevação do *status* destes trabalhos (apesar de que isto tenderia a acontecer automaticamente com a entrada dos homens). Isto envolveria muitos homens no treinamento e no deslocamento para a digitação, para os cuidados com as crianças, para o fornecimento, a limpeza e os trabalhos de

³² FRIEND, Andrew e METCALF, Andrew. *Slump City*. Pluto Press, 1981, p.46.

³³ Equivalente à Confederação Nacional dos Trabalhadores, com filiação política tradicionalmente ligada ao Partido Trabalhista. (Nota Elisabeth B. Silva.)

costura. Nós não devemos ficar cegos/as para o fato de que isto pode significar, a curto prazo, uma redução geral na remuneração média dos homens. O sindicato daria tanta importância às campanhas pelo apoio dos empregadores no que se refere a creches, ao desenvolvimento da licença-maternidade e da licença-paternidade, quanto eles dão atualmente para o salário anual. Iria pressionar permanentemente o estado para o direito ao aborto seguro e à contracepção. É claro que, para seu próprio benefício, as mulheres que entram nas indústrias têm uma obrigação equivalente de se filiar ao sindicato – e, de fato, elas estarão muito mais aptas a fazer isso se houver muitas mulheres como membros ativos e se o sindicato advogar os interesses das mulheres.

Uma outra faceta desta consciência de classe ampliada seria uma atenção maior ao impacto das ações do sindicato sobre as pessoas que estão fora de seu círculo. Os sindicatos precisam urgentemente parar de olhar apenas para os seus afiliados, às custas de outros trabalhadores que estão fora dos sindicatos.³⁴ Os “sem-salário” estarão sempre além das muralhas protetoras do *Media Union*, e uma proporção deles é hoje composta por mulheres. A relação destes com a economia não é através do salário, mas através das provisões do estado e o interesse deles no produto é menos como produtor do que como consumidor, leitor ou espectador. O sindicalismo, apesar dos esforços em mudar isso, tem continuado obstinadamente “trabalhista”. E o trabalhismo é caracteristicamente masculino:

Devido à centralidade nas vidas dos homens trabalhadores, na luta do chão de fábrica pelo controle e por causa do poder do homem na família e na comunidade, a retórica masculina do espaço do trabalho domina todos os aspectos das políticas da classe trabalhadora. É ocultado no interior do Partido

³⁴ Na Inglaterra, a afiliação sindical é voluntária. (Nota de Elisabeth B. Silva.)

Os homens e a geração de mudanças

Trabalhista e do movimento do sindicato – uma linguagem de “irmandade”, uma preocupação com o direito ao trabalho e uma ênfase às lutas salariais.³⁵

A ideologia trabalhista nos oculta os efeitos do nosso próprio trabalho sobre os outros, ou até mesmo o impacto das nossas próprias táticas escolhidas de lutas sobre as lutas dos outros.

Entre os “sem-salário” estão os desempregados. É um paradoxo que (como disse Mandel): “A compulsão para *salvar* a quantidade máxima de trabalho humano na fábrica ou na empresa leve ao crescimento do **desperdício** do trabalho humano na sociedade como um todo.”³⁶ Para cada trabalhador que se torna mais produtivo através da nova tecnologia, uma segunda pessoa é relegada à total improdutividade da esmola, e um número de jovens encontram suas oportunidades de trabalho se fechando antes mesmo deles estarem prontos para alcançá-las. Para aqueles dentre nós que estão no trabalho remunerado, os nossos objetivos devem ir além da manutenção dos nossos próprios empregos ou mesmo do sindicato, e se estenderem até a sobrevivência daqueles que estão em outras ocupações, outros sindicatos e mesmo em outros países. Para cada história de sucesso da indústria britânica, há uma história correspondente de desemprego ou aumento da exploração em algum outro país. Nossa perspectiva deve se estender não meramente a partir do nosso espaço de trabalho para nossa própria sociedade, mas daí para o mundo. Tem que ser internacional, da maneira que o sindicalismo sempre aspirou mas que raramente alcançou. Isto não é mero altruísmo: nossos próprios interesses também dependem disso. Para tomarmos um exemplo da mídia: a nova tecnologia possibilitou à agência de notícias Reuters criar um vínculo de notícias eletrônico e de

³⁵ TOLSON, Andrew. *The Limits of Masculinity*. Tavistock, 1977, p.64.

³⁶ MANDEL, Ernest. Op.cit., p.509.

circulação mundial, que pode desviar ou isolar qualquer grupo de trabalhadores que fizer greve em qualquer um de seus locais de trabalho. Portanto, o *Media Union*, nascido da tecnologia avançada e que tem o efeito de anular as fronteiras, poderia colocar em suas políticas os interesses não apenas de seus membros – e iria definitivamente descobrir que seus próprios interesses dependem disso.

Uma implicação do alargamento dos horizontes do sindicalismo seria a **redefinição do trabalho**. O trabalho já está sendo reescrito, e contra os nossos interesses. O vasto crescimento da produtividade prometido (ou ameaçado) pelo microprocessador está colocando em questão toda a relação entre o trabalho e não trabalho, nos persuadindo a desfrutar de uma futura “sociedade do ócio”. Os desempregados reclamam, quase sempre com razão, que o desemprego não é igual ao ócio.

Há, no entanto, uma dimensão ausente nesta problemática. “Trabalho” não significa apenas trabalho remunerado. Para cada hora de trabalho que o/a trabalhador/a dedica à produção e à distribuição, outra hora de trabalho, ou mais, é contribuída sem remuneração por um/a trabalhador/a em casa – na reprodução humana e social. O trabalho de limpar, ir às compras, fazer e consertar, cozinhar, cuidar e tomar conta das crianças deveria nos lembrar da inadequação do termo “produção”: todos/as nós estamos envolvidos/as em trabalho de transformação, onde quer que o façamos e de qualquer modo que sobrevivamos. Algumas pessoas na esquerda trabalhista e fora dela estão preparando uma Estratégia Econômica Alternativa para ser implementada por um futuro governo da esquerda trabalhista. Seu objetivo principal é “o pleno emprego”. Com isto, o autor quer dizer “nenhum desemprego”.³⁷ Mas precisamos olhar além do conceito do “pleno

³⁷ Ver, por exemplo, HOLLAND, Stuart. *The Socialist Challenge*. Quartet, 1975; AARONOVITCH, Sam. *The Road from Thatcherism: the Alternative Economic Strategy*. Lawrence and Wishart, 1981; CSE London Working

emprego”, para ver que o trabalho humano mais fundamentalmente importante é a reprodução da raça humana e das relações humanas, e que o fator do trabalho não-remunerado que isto exige tem que ser colocado na equação **antes** de vermos como o emprego na produção e na distribuição combina com o estoque do trabalho. Adicionados os termos, torna-se claro que uma divisão igualitária, tanto do trabalho produtivo quanto do reprodutivo, por homens e mulheres, significaria uma estratégia econômica, com o apoio do sindicato, que envolveria algumas inovações sem precedentes.

Em primeiro lugar, envolveria uma redução do dia de trabalho não-remunerado da mulher, juntamente com um aumento do dia de trabalho não-remunerado do homem. Envolveria um aumento do acesso ao trabalho remunerado para a mulher. Exigiria uma redução marcante no comprimento do dia de trabalho remunerado padrão, principalmente para o homem, que agora trabalha horas mais longas, a fim de trazer o trabalho de tempo integral mais perto das horas de meio expediente. Apesar dos sindicatos de imprensa terem sempre dado as costas para uma redução da duração da semana de trabalho padrão, freqüentemente isto tem significado que os homens continuaram a trabalhar o mesmo número de horas que antes, mas eram mais remunerados por elas nos trabalhos extras. Isto simplesmente aumentou a remuneração relativa do homem e lhe deu uma razão permanente para ficar longe do lar, quando é necessário realizar o trabalho de cuidar das crianças e o trabalho doméstico.

Group. *The Alternative Economic Strategy: a Labour Movement Response to the Economic Crisis*. CSE Books and Labour Co-ordinating Committee, 1980. Uma tentativa de adaptar a *Alternative Economic Strategy* à luz da discussão com as feministas pode ser encontrado no *paper* de Adam Sharple para a *Conference of Socialist Economists*, em Bradford, julho de 1982, intitulado “Women and economic strategy”.

Se o sindicato impusesse limites ao trabalho de hora extra, se a remuneração pelo trabalho extra fosse banida, e se se instituisse o “time off *in lieu*” (jornada e meia, ou dupla jornada, é claro), isto criaria empregos e igualaria as circunstâncias de homens e mulheres. Vale a pena enfatizar também que o que precisamos é de uma redução do dia de trabalho, em vez da redução da semana de trabalho. Os cuidados com as crianças e as responsabilidades domésticas acontecem todos os dias. Eles não se agrupam convenientemente no fim-de-semana de três dias recém-adquirido pelos compositores deste estudo, em troca das horas relativamente mais compridas que eles trabalham nos quatro dias que restam. Finalmente, significaria também o enorme crescimento dos serviços sociais, incluindo a provisão social para os cuidados com as crianças e cuidados com os mais velhos, sob o nosso controle.

O *Media Union* poderia e deveria desenvolver uma **nova forma de remuneração**. Os impressores sindicalizados descreveram o sistema de negociação de pagamento da indústria do jornal como “dançar uma conga”, onde os líderes se empinam, puxando atrás deles uma corda de trabalhadores menos qualificados e os grupos menos organizados de trabalhadores.³⁸ É preciso pouca imaginação para ver que, independente de as remunerações reais pelas horas extras crescerem ou diminuírem neste processo, as desigualdades entre as pessoas permanecem. Um dos aspectos desta desigualdade é a remuneração menor para as mulheres. O *Media Union* precisaria direcionar sua força para exigências de um endurecimento da legislação da remuneração igualitária – por exemplo, ao incluir um mecanismo para definir trabalhos iguais como trabalhos de valores iguais. Mas precisaríamos ir além disso para escaparmos para sempre da avaliação que o próprio capital faz do trabalho: mais para os intelectuais, menos para os trabalhadores manuais; mais para os

³⁸ Aristocrats of Fleet Street. *The Economist*, 21 de fevereiro de 1981.

trabalhos limpos e agradáveis, menos para os trabalhos sujos e difíceis; mais para os trabalhos dos homens e menos para os trabalhos das mulheres. O conceito do “salário-família” também terá que acabar. Como Bea Campbell e Valerie Charlton demonstraram, “Até esta data, o movimento trabalhista conseguiu combinar um compromisso entre o salário-família e a remuneração igualitária. É impossível ter os dois.”³⁹ A remuneração da mulher, no entanto, é apenas uma parte do problema maior da baixa remuneração geral. A baixa remuneração é exacerbada pelo *smash and grab* (“bata e agarre o seu”) da livre negociação coletiva, que atualmente tem sido criticada por muitas mulheres.⁴⁰ Em um processo de negociação, no lado dos trabalhadores, o “coletivo” precisa se redefinir de maneira que a **liderança** salarial dê lugar a um movimento igualitário focalizado em aumentar a remuneração básica e colocar um fim na baixa remuneração como um todo.

Nós precisaremos repensar, no contexto do *Media Union*, **os usos políticos da especialização**. Os trabalhadores de ofício têm estado sempre avançados em relação aos demais trabalhadores por terem atribuído importância ao controle do trabalhador sobre o processo. No entanto, temos visto como o controle do ofício se tornou inseparável do elitismo de ofício. Além de perturbar a qualificação, o capital, por enquanto, perturbou alguns componentes da estrutura hierárquica que se organizou em torno dela. O caminho está aberto para a reavaliação de todas as nossas habilidades, para um restabelecimento das habilidades tradicionais da mulher e uma nova declaração do controle coletivo baseado na proximidade da força de trabalho coletiva em relação às tecnologias de produção, em vez de um controle construído sobre

³⁹ CAMPBELL, Beatrix and CHARLTON, Valerie. *Work to rule. Red Rag*, 1978.

⁴⁰ Id., *ib.*, e, por exemplo, COOTE, Anna e CAMPBELL, Beatrix. *Sweet Freedom, The Struggle for Women's Liberation*. Picador, 1982.

o conhecimento especial e o *status* de uns poucos às custas dos demais.

De alguma maneira nós precisamos manter o que há de melhor na velha ética da habilidade, ao mesmo tempo que descartamos o pior. O orgulho da habilidade de produzir deve permanecer, mas sob a forma do orgulho de ser responsável coletivamente pela criação de um produto socialmente útil. Isto não acontece sem precedente: o comitê de administradores da empresa Lucas Aerospace é talvez o exemplo mais conhecido de trabalhadores que levantaram suas vistas para o modelamento das políticas industriais. O plano alternativo combinado faz propostas de produtos socialmente desejáveis como alternativas ao armamento.⁴¹ As habilidades profissionais e técnicas não podem ser reconhecidas como habilidades humanas – mas como uma paródia embaçada e retorcida delas – à medida que são aplicadas indiscutivelmente para a manufatura de produtos que são anti-classe-trabalhadora, anti-mulheres e anti-humanos. Enquanto estiver claro que não está no poder dos empregados da mídia sozinhos determinarem o conteúdo dos jornais, periódicos, radiodifusão e TV, está inegavelmente no poder dos sindicatos fazer deste conteúdo um objeto de luta.

Por fim, precisamos de **uma crítica da própria tecnologia** que vá bem além daquela desenvolvida pelos sindicatos até esta data. O Trades Union Congress (TUC) parece se identificar tanto com “a atuação da indústria britânica”, quanto a própria Confederação da Indústria Britânica. Dentre os objetivos do TUC estão: procurar “ação coordenada (...) para avançar, expandir e modernizar o estoque de capital britânico”. Sua principal preocupação é assegurar “demanda efetiva na economia,

⁴¹ WAINWRIGHT, Hillary e ELLIOTT, Dave. *The Lucas Plan: a New Trade Unionism in the Making*. Allison and Busby, 1982.

Os homens e a geração de mudanças

suficiente para empregar tanto o capital quanto o trabalho.”⁴² Nesta abordagem, o problema está em se dirigir a tecnologia sem questioná-la. Supõe-se que a tecnologia é fundamentalmente benigna:

Existe a compreensão de que as novas tecnologias (...) oferecem grandes oportunidades, não apenas para aumentar a competitividade da indústria britânica, mas para aumentar a qualidade de vida no trabalho e para prover novos benefícios para as pessoas trabalhadoras.

O desafio, aos olhos do TUC, é assegurar que “os benefícios desta mudança sejam distribuídos equitativamente”. Muitos sindicatos, sem saberem para que direção ir, adotam individualmente uma atitude semelhante.

No entanto, a descoberta científica e a invenção tecnológica não são progressivas **a partir de si mesmas**. Elas não são totalmente progressivas nem mesmo nas mãos certas. Alguns avanços, nas mãos certas, poderiam libertar pessoas, alimentá-las, vesti-las e educá-las. Mas algumas, também, não são de utilidade alguma para ninguém, exceto para aqueles que buscam o controle sobre a sociedade ou que buscam lucrar às custas dos outros. É comum retratar a descoberta científica como propensão histórica, que surgiria de uma combinação da chance com o gênio, supondo que a aplicação do conhecimento científico em tecnologia se sucederia logicamente a partir da descoberta. Eu argumentei em outro texto⁴³ que não é assim que acontece. As políticas dos Estados e as estratégias combinadas das corporações

⁴² Trades Union Congress. Employment and Technology. Report of the General Council to the 1979 Congress, p.9.

⁴³ COCKBURN, Cynthia. Technological Innovation. In: *Brothers...* Op.cit., cap. 3. (Nota de Elisabeth B. Silva.)

multinacionais governam quais os aspectos da pesquisa científica a serem consolidados e quais as aplicações a serem desenvolvidas. Uma avaliação independente se faz necessária a partir do interior da indústria. E quem a fará se não os sindicatos?

Em muitos casos nós não temos realmente poder para resistir à nova tecnologia e não adianta fingir que temos. Mas não precisamos racionalizar o nosso consentimento a contragosto, da tecnologia, persuadindo a nós mesmos/as sobre sua beneficência. É possível admitir derrota enquanto se mantém e se desenvolve uma crítica. A ideologia do “progresso tecnológico” é extraordinariamente penetrante e constrangedora.⁴⁴ Quem quer que questione a conveniência das tecnologias avançadas é rotulado/a de reacionário/a. (O marxismo tem muito a dever a este respeito). O espírito bastante razoável dos *Luddites* originais já não existe mais no sindicalismo e *Luddite* se tornou um rótulo que os líderes sindicais temem. Segundo o argumento da crítica de Dave Albury e Joseph Schwartz sobre o mito do progresso científico: “A tradição do Luddite precisa ser recuperada a fim de superar o monopólio que atualmente é desfrutado pelo capital no desenvolvimento das novas máquinas e processos.”⁴⁵ Do jeito que é, a ideologia do “progresso tecnológico” tem sido contestada, mas não pelos sindicatos. O desafio vem do movimento pela paz e do movimento ecológico.

⁴⁴ A ideologia do “racionalismo tecnológico”, como descrita por Ernest Mandel, tenta nos convencer de que o desenvolvimento científico e técnico se condensou dentro de um poder autônomo de força invisível, que as regras tradiociniais de classe têm dado lugar à regra anônima da tecnologia, e por causa da sua racionalidade extremamente técnica, o sistema social existente não pode ser desafiado. Apenas mais racionalidade técnica poderia resolver nossos problemas. (MANDEL, Ernest. Op.cit., p.501).

⁴⁵ ALBURY Dave e SCHWARTZ. Joe. *Partial Progress: the Politics of Science and Technology*. Pluto Press, 1982.

Os homens e a geração de mudanças

O membro individual geralmente está mais adiantado do que o seu próprio sindicato, ao expressar um ceticismo saudável em relação ao progresso. “Eu não vejo a nova tecnologia como progresso”, disse um compositor, “Você tem que perguntar: ela leva a uma sociedade melhor? Ou a uma atmosfera melhor? Do modo como eles a estão introduzindo, não leva. Eles não estão prestando atenção às pessoas”. Muitos compositores perceberam que a fotocomposição computadorizada coloca perguntas que não podem ser respondidas com os termos comuns ao sindicalismo tradicional.

Será como naqueles filmes em que você tem os senhores feudais e escravos? Por que, daonde está vindo o dinheiro para pagar por aqueles que não estão trabalhando? Apenas aqueles com QI muito alto serão necessários para desenvolver e operar este equipamento. O resto será refugio.

Realmente, nós estamos procurando por uma utopia, sabe, ao falarmos sobre chips, automação e todas essas coisas. Uma utopia por meio da qual as pessoas não farão nada e as máquinas farão tudo. Isto não vai funcionar. Você fica imaginando o que será das pessoas.

Contudo, para muitos indivíduos, bem como para os sindicatos aos quais pertencem, a resposta ainda está no “crescimento econômico”. Os compositores costumam dizer que o potencial produtivo, maciçamente ampliado, da composição computadorizada não é um problema, “desde que nós possamos continuar vendendo mais jornais e conseguirmos mais publicidade”. De fato, o que mais publicidade significa é uma maior quantidade de cada tipo de produção e consumo. Se o

“crescimento” é o preço do avanço da tecnologia, a implicação é um inchaço do consumo numa escala lunática.

A ética ampliada é uma parceira natural da ideologia da competição capitalista, mas ela também tem sido implementada por sociedades pós-capitalistas, percebida tanto na competição internacional (como a URSS), quanto lutando contra o subdesenvolvimento (como Cuba). O crescimento contínuo e exponencial da produção e do consumo é incompatível com o gerenciamento a longo prazo do planeta. O interesse pela vida como uma totalidade impõe coerções à atividade econômica:

O fato é que não é toda a humanidade que tem condições de viver como os 20 por cento de norte-americanos e europeus privilegiados, cujo estilo de consumo é o modelo – inatingível – para o resto dos norte-americanos e europeus, bem como para o resto do mundo. Não há recursos minerais suficientes, ar, água ou terra, para que todo o mundo adote “nossos” estilos de produção e consumo.⁴⁶

Ampliar os métodos de economizar energia pode nos ajudar, mas eles não dissolverão os limites além dos quais o crescimento se torna destruição.

Um dos fatores da aceitação da nova tecnologia por parte do movimento dos sindicatos pode muito bem ser devido ao fato dos sindicatos serem dominados por homens. Sempre que qualquer um de nós tenha uma relação interativa e influente com a tecnologia, esta pessoa é um homem. É interessante olhar mais de perto o cenário descrito por Serge Mallet, da nova classe trabalhadora no futuro emprego da tecnologia e nas suas futuras

⁴⁶ GORZ, André. *Ecology as Politics*. Boston, South End Press, 1980, p.66.

aventuras da era espacial.⁴⁷ Ele imagina uns trabalhadores com guarda-pós brancos sendo guiados pelas tecnologias avançadas em direção a uma consciência mais avançada social e politicamente. Mas os trabalhadores de Mallet não são mais apaixonados pelos seus computadores do que os trabalhadores de ofício eram por suas ferramentas. Eles não têm nenhum distanciamento crítico das forças técnicas e científicas que eles impulsionam a favor do capital. “É dentro dos interesses imediatos da moderna classe trabalhadora que o desenvolvimento técnico continua, juntamente com suas conseqüências”, diz ele. Para ele, só existem conseqüências boas: “redução substantiva das horas de trabalho, revalorização do emprego, mobilidade e atividades mais variadas”.⁴⁸ Isto pode ser uma propaganda do fabricante para o equipamento da fotocomposição computadorizada. Os protagonistas de Mallet são, é claro, homens e eles são impelidos à sua consciência, supostamente revolucionária, pela contradição entre a integração a um **universo técnico interessante, onde o homem (sic) naturalmente procura entender e dominar** e a estrutura do comando, o sistema de preço, as decisões que excluem quase todos aqueles que ajudam no funcionamento deste universo.”⁴⁹ Mallet se considerava um otimista: mas uma classe revolucionária de homens, que não tem consciência do fogo de Prometeu que ela segura em suas mãos, não é motivo para otimismo.

A micro-eletrônica, o gênio familiar da indústria do jornal, pertence a uma das famílias numerosas das novas tecnologias que incluem a fusão e a fissão nuclear, a tecnologia do laser e a engenharia genética. As tecnologias de produção estão estreitamente vinculadas às tecnologias de destruição: a força

⁴⁷ MALLET, Serge. Op.cit.

⁴⁸ Id., ib., p.30.

⁴⁹ Id., ib., p.12 (Grifos meus - C.C.).

nuclear produz plutônio para as bombas; a tecnologia genética, além de remédios, produz armas biológicas; os microprocessadores, além de compor os jornais, guiam os mísseis. Deixar as decisões sobre os investimentos nas mãos dos interesses dos negócios é decididamente um despropósito. Deixá-las nas mãos dos homens, mesmo que sejam sindicalistas, significaria dar a um piromaníaco uma caixa de fósforos.

O que é sugerido aqui pode parecer que ultrapassa o que é aceito como papel dos sindicatos. De fato, a minha crítica⁵⁰ sobre a estreita visão de mundo dos trabalhadores de ofício, pode incitar a mesma reivindicação: os sindicatos são como são. Mas, de que outros recursos organizacionais dispomos? Do trio: parlamentarismo trabalhista, ação da comunidade e sindicalismo, este último é próximo o suficiente do processo do trabalho e das decisões sobre a tecnologia para fornecer uma alavanca para a reavaliação e a intervenção.

No passado, foi a prática de um determinado grupo de sindicatos, predominantemente de homens, que se refugiou no conhecimento tecnológico que surgia do processo de trabalho. Mas o conhecimento não é propriedade. No futuro, os sindicatos precisam se tornar educadores, no sentido mais amplo do termo. A princípio, aqueles dentre nós que estiverem nos sindicatos devem educar uns aos outros, aprofundando e transmitindo o conhecimento. Nós precisamos perceber que isto está aberto para aqueles que eram anteriormente definidos como não-especializados, principalmente as mulheres. Além disso, os movimentos da classe trabalhadora precisam urgentemente aprender o *know-how* da impressão, da radiodifusão e das comunicações.

Por fim, nós, os homens e as mulheres juntos, precisamos assegurar que o conhecimento técnico se torne um conhecimento

⁵⁰ Ver o primeiro capítulo do livro *Brothers...* Op.cit., Craft, class and patriarchy. (Nota de Elisabeth B. Silva.)

Os homens e a geração de mudanças

comum. As decisões sobre o que produzir e como produzir devem ser tomadas por todos/as que são afetados por elas. A única perspectiva que pode tornar visíveis todas as implicações, para o bem ou para o mal, das novas invenções, é a perspectiva de uma classe trabalhadora unida e plenamente instruída e bem informada.